



APRESENTAÇÃO: DA RELAÇÃO ENTRE A FILOSOFIA E AS CIÊNCIAS PARTICULARES À LUZ DA DIALÉTICA NEGATIVA DE THEODOR ADORNO

PRESENTACIÓN: SOBRE LA RELACIÓN ENTRE FILOSOFÍA Y CIENCIAS PARTICULARES A LA LUZ DE LA DIALÉCTICA NEGATIVA DE THEODOR ADORNO

Presentation: on the relationship between philosophy and the particular sciences in light of Theodor Adorno's Negative Dialectics

Gidalti Guedes da Silva ¹

Em janeiro de 2026, o resultado da Avaliação Quadrienal de periódicos para 2021-2024 foi divulgado, trazendo consigo um importante reconhecimento para a Periagoge, que passou a ser uma revista Qualis A4. Essa reclassificação reconhece o mérito das publicações e do trabalho editorial da Periagoge na área de conhecimento da Filosofia (Área Mãe) e nas seguintes subáreas: Educação, Psicologia, Ciências e Humanidades, bem como Comunicação e informação e museologia.

Além de potencializar a procura da Periagoge por pesquisadores que atuam nestas “subáreas”, a divulgação do novo Qualis da revista instigou o questionamento sobre a relação da Filosofia com as ciências particulares. Para tratar da questão, trago a essas páginas algumas reflexões inspiradas nas proposições de Theodor Adorno (1903-1969), que desempenhou papel singular na reaproximação da filosofia com as ciências particulares. Para ele, a filosofia não deve usurpar das ciências particulares a tarefa mais vinculada às pesquisas empíricas, o que evidencia que ele reconheceu o esforço científico de campos específicos do saber. Contudo,

¹ Doutor e Mestre em Educação, com graduação em Sociologia, Pedagogia e Teologia. É professor do Núcleo de Formação Geral e Humanística da Universidade Católica de Brasília (UCB), Coordenador de cursos e Secretário Executivo da Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0196801353162416>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9051-4720>. E-mail: gidalti.gs@gmail.com.

Adorno apresenta questionamentos de cunho epistemológico e ontológico que podem alterar significativamente tanto o conteúdo quanto a forma do fazer científico, sobretudo nas áreas que compõem os saberes humanísticos (Adorno, 2015). Sendo assim, dedico alguns parágrafos às contribuições do filósofo e sociólogo frankfurtiano.

Para Adorno, vale o destaque, nas palavras de Mueller (2009, p. 30) “[...] a tarefa das ciências particulares é *Forschung*, pesquisa; a da filosofia, *Deutung*, interpretação”. Na relação com as ciências particulares, caberá à filosofia contribuir no exercício interpretativo dos fenômenos estudados. Mas de que modo se dá esta relação entre o sujeito e o objeto da pesquisa? Na apresentação à edição brasileira da obra “Introdução à Dialética”, Erick Lima afirma algo que cabe muito bem nesse momento:

Com efeito, a “dialética negativa” de Adorno será comprometida, enquanto teoria da experiência, da linguagem e do conceito, com a reversão da resignação e do ofuscamento ocasionados pela interdição mal compreendida de acesso conceitual ao elemento não conceitual. Sua maneira de reverter essa tendência inerente ao *logos* ocidental é promover a exposição conceitual do não idêntico, aceitando seu caráter refratário à compulsão intelectual. (Lima, 2022, p. 30-31).

A contribuição de Lima tem alicerce no modo de Adorno compreender a relação de tensão permanente entre o conceito/sujeito e o objeto, que se constitui premissa epistemológica da Dialética Negativa proposta pelo pensador. Reconhecida a fragilidade e provisoriedade do conceito frente a coisa, fruto da dialética constituinte da relação entre o sujeito e o objeto, o sujeito-pesquisador deve debruçar-se novamente sobre o próprio objeto doando-se a ele em uma experiência perceptiva intensa, aberta, livre, com uso da sensibilidade de modo integral.

No decurso da experiência, o objeto representado no conceito deve ser tomado a partir de suas contradições e duplicidades de sentido, em respeito ao movimento dialético constituinte das coisas (duplo sentido do conceito). É justamente nesta experiência de percepção e análise mais profunda, que o elemento não-conceitual que resiste no objeto se apresenta de forma mais evidente, cabendo ao sujeito-pesquisador a tarefa de reordenar o conceito por meio de uma ação interpretativa constelatória (Pucci, 2016).

Vamos nos deter um pouco no conceito de experiência, presente na obra “Teoria Estética”, no aforismo intitulado *Atitude a respeito da práxis; efeito, vivência, comoção*, onde Adorno (2012) estabelece uma diferença entre os conceitos *Erlebnis* (Vivência) e *Erfahrung* (Experiência): “A experiência da arte enquanto experiência da sua verdade ou inverdade é mais do que uma vivência subjetiva: é a irrupção da objetividade na consciência subjetiva” (Adorno, 2012, p. 368). Intérpretes do pensamento adorniano afirmam que essa irrupção “[...] é como

que a explosão de algo vivo que vem de dentro, atinge com intensidade seu contemplador, e lhe propicia o contato íntimo com o conteúdo de verdade que ela carrega em suas entranhas” (Aquino; Romeiro; Pucci, 2015, p. 169).

A vivência é, a seu modo a presença do sujeito no processo da construção do conhecimento. Podemos afirmar que na vivência reside o encantamento do sujeito pelo objeto, contudo, ela não possibilita um grau aprofundado de percepção do mundo, pois é marcada por sua superficialidade, pela não plena entrega do sujeito ao objeto. Porém, esse único passo não é suficiente, quando buscamos um fazer científico emancipatório dos sujeitos e das coletividades.

Para que o fazer científico das ciências particulares ocorra na intersecção com a Filosofia, torna-se necessário um segundo momento, no qual o encantamento estético inicial converte-se em experiência (*Erfahrung*), numa dimensão estética mais aprofundada. Adorno nos ajuda a melhor compreender a intensidade da experiência, quando afirma: “[...] O abalo intenso, brutalmente contraposto ao conceito usual de vivência, não é uma satisfação particular do eu, e é diferente do prazer. É antes um momento de liquidação do eu que, enquanto abalado, percebe os próprios limites e finitude” (2012, p. 369).

O conceito adorniano de experiência se aproxima do que Kant (1993) conceitua como a experiência do “sublime”. Inicialmente, no sentimento do sublime ocorre um certo desprazer e desconforto, causado pelo fracasso da imaginação frente a uma natureza ameaçadora. Essa limitação imaginativa faz com que a razão decline a presença do supracensível no sujeito, isto é, da sua capacidade de perceber intuitivamente no objeto elementos sobre os quais a razão não abarca, não controla.

Em termos epistemológicos, é possível afirmar que reside no sublime um sentimento de estupefatez do sujeito frente ao objeto. Ao passo que reconhece suas fragilidades conceituais frente o objeto de pesquisa, o sujeito é impelido a desdobrar-se sobre o próprio objeto no intento de melhor compreendê-lo. É quando o pesquisador permite-se flunar descompromissadamente em contemplação, buscando compreender, por meio da ordenação de uma constelação de conceitos, o elemento não conceitual presente no objeto.

Passarei a tratar agora sobre a ideia de constelação presente na hermenêutica adorniana. No aforismo “Constelação”, da obra “Dialética Negativa”, Adorno afirma:

O existente singular coincide tão pouco com o seu conceito superior quanto se mostra como ininterpretável. Ele também não é, por sua parte, algo derradeiro contra o qual o conhecimento deveria se chocar. Segundo o resultado mais durável da lógica

hegeliana, **ele não é pura e simplesmente por si, mas é em si seu outro e está ligado a um outro**. Aquilo que é, é mais do que ele é (Adorno, 2009, p.140). Grifo nosso.

Um dos maiores equívocos do estudo dos fenômenos sociais, denunciado por Adorno, é o ímpeto pela interpretação do conceito como elemento singular, supondo que algo que se constitui na relação com outros conceitos poderia ser compreendido isoladamente. A compreensão da coisa, no conceito, não pode desconsiderar que sua identidade se constitui do elemento não conceitual. Isto é, além de reconhecer o duplo sentido inerente a cada conceito, o sujeito deve abrir-se para a percepção do não conceitual, tomado não como exterior, alheio, mas como elemento que constitui cada conceito. Por isso, torna-se necessário que aquilo que se percebe como não conceitual seja compreendido a partir da relação existente entre os conceitos, ordenados em forma de constelação (Adorno, 2009).

Para Adorno, “Não é tarefa da filosofia investigar intenções ocultas e preexistentes da realidade, mas interpretar uma realidade carente de intenções, mediante a capacidade de construção de figuras, de imagens a partir dos elementos isolados da realidade” (Adorno, 2000, p. 10). Esse modo dialético aberto de interpretar os fenômenos requer que o pesquisador se aproxime da realidade (objeto) sem impor-lhe intensões pré-existent, cristalizadas no conceito. A ordenação dos conceitos, desse modo, se dará na construção de constelações mutáveis, visando a extração de conexões entre os elementos fenomênicos, para então interpretá-los filosoficamente.

Segundo Pucci (2021, p. 147),

Adorno afirmava que a autêntica interpretação filosófica se desenvolvia à maneira das soluções dos enigmas, ou seja, nestes, os elementos singulares e dispersos do fenômeno são colocados em diferentes ordenações, até que se juntem em uma figura, da qual se salta para fora a solução; do mesmo modo a filosofia, na análise de um particular concreto, tem de dispor seus elementos em constelações mutáveis, em diferentes tentativas de ordenação, até que eles se encaixem em uma figura legível como resposta.

Indubitavelmente, a dialética assume como meta a determinação conceitual de seu objeto. Contudo, ao desempenhar esta tarefa, ela confere aos conceitos “[...] um feitio marcado por uma espécie de liberdade, em contraste com o procedimento tradicional” (Adorno, 2022, p. 493). Para interpretar o conceito sem se ater à mera definição, isolando-o, o sujeito necessita perceber os movimentos do conceito nas múltiplas interações que os conceitos estabelecem entre si.

A ordenação constelatória dos conceitos presente na hermenêutica adorniana possibilita novas associações, novas perguntas, com base em inferências antes não ousadas, pois as interpretações usuais do conceito buscam defini-lo isoladamente, ignorando o não-idêntico. Diante do exposto, fica evidente o caráter eminentemente revolucionário do pensamento dialético, tomado em sua tônica negativa, que potencializa a ruptura com o conceito cristalizado, inerte, o qual busca reduzir o objeto, tal qual os sistemas socioeconômicos e culturais buscam fazer como as consciências individuais.

Caso deseje romper os grilhões da racionalidade técnica moderna, pautada na reificação dos sujeitos e dos objetos pesquisados, caberá ao pesquisador da ciência particular cultivar a experiência filosófica durante um profundo exercício interpretativo do objeto apreendido pelos instrumentos de coleta, em atitude de autorrecolhimento, imbuído de um espírito aberto, investigativo e criativo (Silva, 2025).

Portanto, é sob esta intencionalidade, que prioriza tanto a produção filosófica quanto a intersecção da filosofia com as ciências particulares, que os trabalhos editoriais da Revista Periagoge têm sido desenvolvidos nesta Edição 9, durante o ano de 2026. Com o intuito de suscitar reflexões epistemológicas no caro leitor, convido-o a contemplar a obra de arte “Grilado”, do artista plástico Hanilson Silva (Goiânia-GO), e a fazer leitura de uma prosa poética de minha autoria.



Fonte: Hanilson Silva (2009)
Técnica: Mista sobre tela.

Os olhos desfocados dificultam o discernimento,
incorrendo na ausência de precisão e de controle do objeto.
Mas o sujeito, tentado, cede à compulsão pelo idêntico,
forçando enquadrar no conceito o que dele escapa.
Dramas existenciais do que pretende da contradição fugir.

Tolo! Melhor seria reconhecer-se parcialmente cego,
para melhor enxergar.
Colocando-se em movimento, assumindo perspectivas
distintas, transbordando-se sobre o objeto por inteiro,
razão, sensibilidade, desejo e intuição
à procura do não-conceitual.

Gidalti Guedes da Silva

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Dialética Negativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- ADORNO, Theodor. **Introdução à dialética**. São Paulo: UNESP, 2022.
- ADORNO, Theodor. **Introdução à sociologia**. São Paulo: UNESP, 2008.
- ADORNO, Theodor. **Para a metacrítica da teoria do conhecimento**. São Paulo: UNESP, 2015.
- ADORNO, Theodor. **Teoria estética**. Lisboa: Edições 70, 2012.
- AQUINO, L. C. de; ROMEIRO, A. E; PUCCI, B. A obra-de-arte como Práxis. **Artefilosofia** (UFOP), v. 19, 2015, p. 156-171.
- LIMA, Erick. Apresentação à edição brasileira: Hegel, Adorno e a Dialética. In: ADORNO, Theodor. **Introdução à dialética**. São Paulo: UNESP, 2022.
- MUELLER, Ênio R. **Filosofia à sombra de Auschwitz**: um dueto com Adorno. São Leopoldo: Sinodal/Est, 2009.
- PUCCI, Bruno. A Dialética Negativa enquanto metodologia de pesquisa em educação: atualidades, 2012. In: PUCCI, Bruno. **Ensaio filosófico-educacionais: Teoria Crítica e educação - Vol 1**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2021. p. 139-166.
- PUCCI, Bruno. O privilégio da experiência filosófica no processo educacional. **Revista Comunicações**, do PPGE-UNIMEP, v. 23, n. 3, 2016, p. 145-155.
- SILVA, Gidalti Guedes. **Por uma outra docência na Educação Superior**: Teoria Crítica, estética e competências docentes. Campinas-SP: Saber Criativo, 2025.